

# ECHO PORTUGUEZ

## SEMANARIO PORTUGUEZ

Redacção e Administração — Rua Marechal Deodoro, 40

Propriedade de — CUNHA & NORONHA

ANNO I

S. Paulo 27 de Junho de 1897

Numero 11

### Assignatura

#### CAPITAL

Anno . . . . . 12\$000

#### INTERIOR

Anno . . . . . 14\$000

Pagamento adiantado.



### São nossos Agentes:

Rio—sr. Alfredo Aleixo Fernandes  
Petropolis—sr. José Augusto Cor-  
reia Guimarães.

Rio Verde—sr. Antonio Cardoso.  
Campinas — Henrique de Barcel-  
los & Pinheiro.

Jundiahy — João Francisco Ró-  
drigues.

Serra Negra — José Maria Gon-  
çalves.

Amparo — Antonio Osorio Ra-  
bello da Silva.

Ytú — Luiz Mendes.

Rio das Pedras—Manoel Affonseca.

## Uma proposta

Subscripta por compatriotas dis-  
tinctos, foi publicada n' *O Estado*  
*de S. Paulo*, de 21 do corrente,  
acompanhada de valiosas razões jus-  
tificativas, uma proposta, que deve-  
ria ser e que não foi apresentada  
na reunião, havida domingo último,  
da colonia portugueza, modificando  
o alvitre suggerido de se offerter  
ao governo da metropole um vaso  
de guerra, para commemorar o qua-  
dricentenario da descoberta da India.

São estas as conclusões da pro-  
posta:

« E', por isso, senhores, que nos  
lembramos de antepôr á idéa de of-  
ferter um vaso de guerra, o projecto  
de uma exposição permanente de  
productos portuguezes, exposição  
esta que patenteasse bem alto o va-  
lor da nossa actividade e que esta-  
belecesse naturalmente a corrente  
commercial dos nossos productos.  
Deste modo não só se abre um mer-  
cado immenso á actividade portu-  
gueza, como se colloca directamen-  
te o productor em contacto do con-  
sumidor.

A iniciativa particular concorreria  
desta arte para resolver ou pelo  
menos attenuar a crise economica  
que atravessa a agricultura e a in-  
dustria portuguezas. E é nellas que  
repousam as esperanças da nossa  
terra. »

Muito nobres e patrióticos os in-  
tuídos dos signatarios da proposta,  
e desejamos ser dos primeiros a ap-  
plaudil-os; somente não achamos  
que elles tivessem, para o caso occor-  
rente, a applicação pratica que á  
primera vista se afigura.

E' certo que essa ou outra qual-  
quer proposta poderia ser discutida  
na reunião, por que o motivo que  
a determinou não impedia que outros  
alvitre fossem suggeridos, visto que  
a propria commissão central poderia  
modificar a sua primitiva resolução  
e acceitar um desses alvitre — tal  
fossem a importancia manifesta e a  
exequibilidade pratica da medida.

A proposta, porém, não corres-  
ponderia aos intuitos da occasião,  
porque é da natureza daquellas que  
não podem ser realizadas senão com  
tempo e mediante esforços que só a  
unidade de acção e uma vontade  
inquebrantavel serão capazes de  
manter com exito.

Por agora trata-se de significar o  
legitimo regozijo da colonia portu-  
gueza no Brazil pela gloriosa data  
que recorda a descoberta da estrada  
maritima do Oriente, aberta por por-  
tuguezes á civilização occidental; e  
para fazel-o, só p-n-lo em pratica  
medidas facilmente exequiveis e de  
caracter expressivo. Foi a marinha  
portugueza do seculo XV que des-  
cobriu a India; é a marinha actual  
que deve ser depositaria da offerta  
da nossa colonia no Brazil para per-  
petuar a recordação de tão assigna-  
lado acontecimento.

Não é fóra de proposito e signi-  
ficacão a dádiva, que se pretende  
effectuar, da um vaso de guerra.

Oxalá comportassem as circum-  
stancias da occasião a bella e utilis-  
sima medida consignada na proposta;  
a verdade, porém, é que nem ha  
tempo para isso nem committimen-  
tos dessa ordem se realizam sem  
repetidos e combinados esforços.

Entretanto, podemos asseverar que  
a idéa apresentada pelos signatarios  
da proposta é já pensamento de dis-  
tinctos compatriotas nossos, que espe-  
ram occasião azada para levar-a a  
effecto, uma vez reconhecida a pra-  
ticabilidade della.

Ha com effecto plano de se fazer  
uma exposição permanente dos nossos  
productos, exactamente para tornar  
conhecidos os recursos da nossa in-  
dustria e para desenvolver em mais  
vasta escala as nossas relações com  
merciaes.

Este pensamento obedece preci-  
samente á necessidade inilludivel  
de se libertar a nossa industria do  
turpor que a atrophia e definha, e  
de se attenuar, senão resolver com-  
pletamente, a crise economica que  
a assoberba.

Já tivemos até occasião de ouvir  
de que maneira pratica se poderia  
levar a effecto essa magnifica ten-  
tativa e de que proveitos ella seria  
para o futuro do progresso indus-  
trial do nosso paiz; a oportunidade  
de a tornar francamente publica é  
que ainda não se apresentou, porém,  
sendo de esperar, contudo, que ella  
não se prolongue indefinidamente,  
attenta a necessidade real que de-  
termina a execução da referida me-  
dida.

Devemos, todavia, confessar que  
é-nos grato salientar os intuitos  
patrióticos dos dignos signatarios da  
proposta, pois bem revelam o alcan-  
ce pratico das cousas e a nitida ob-  
servação das necessidades do nosso  
paiz.

Esperemos algum tempo mais, e  
elles terão ensejo de ver brilhan-  
tamente corporificada a idéa que a-  
ventaram e que será semente não  
atirada em terreno safaro.

## Interesses Portuguezes

### VIII

O esforço que se torna necessario  
em favor das possessões portugue-  
zas no ultramar demonstra-se pelas  
condições de existencia, cada vez  
mais precarias, no continente.

As industrias vivem alli atro-  
phiadas á falta de estímulos, por-  
que não podem expandir-se, porque  
não encontram campo vasto para  
se desenvolver, porque não acham  
a protecção e as animações indis-  
pensaveis.

Que paizes conhecem as indus-  
trias portuguezas? Que mercados  
consumidores as importam? Que  
praças commerciaes as preferem?

Por outro lado, que elementos  
de propaganda ellas têm ao seu  
serviço? Quaes são os meios pos-  
tos em pratica para vulgarizal-as  
e obter-lhes o primeiro logar entre  
as industrias congeneres?

Ainda por outro lado, que in-  
dustrias podem, já pela qualidade  
dos productos, já pelo aperfeiçoa-  
mento do fabrico e caprichoso  
acondicionamento, superiorisar-se  
ás industrias estrangeiras da mes-  
ma especie?

Portugal tem, como ainda ha  
pouco foi lembrado em S. Paulo,  
os tecidos de lã da Covilhã e  
Alemquer, os tecidos de linhos, os  
bordados, as rendas; tem as fai-  
anças das Caldas, as louças de  
Sacavem, a vidraria de Marinha  
Grande, os azulejos e os mosaicos;  
a cutelaria de Guimarães, a ouri-  
vesaria do Porto e Lisboa, as fila-  
granas rendilhadas em prata, as  
obras de talha e as incrustações  
ornamentaes; possui em um grau  
elevado de perfeição a industria  
do calçado e da chapelaria; possui  
a maipulação das drogas, dos  
productos chimicos e pharmaceu-  
ticos; tem o azeite, o vinho e as  
fructas; possui finalmente tantos  
e tantos outros productos da sua  
agricultura, da sua industria e  
das suas artes em condições de  
luctar com os productos similares  
de outras procedencias.

Mas onde estão os estímulos  
imprescindiveis para que esses  
productos luctem vantajosamente  
em confronto com productos simi-  
lares, nos mercados estrangeiros?  
Quem os propaga? Quem os mos-  
tra? Quem se interessa seriamente  
pela sua vulgarização?

O Brazil e as possessões africa-  
nas são os principaes consumido-  
res dos productos da industria  
continental; mas no proprio Bra-  
zil—parece incrível!—ainda são  
escassamente conhecidos os pro-  
gressos da industria portugueza.  
Por outro lado, a não ser neste  
ou naquelle producto, todos os  
generos portuguezes encontram  
formidavel concorrência na pro-  
ducção de outros paizes exporta-  
dores. Os seus vinhos, esses mes-  
mos, que não encontram superiores  
na industria viticula da Hespa-  
nha, da França e da Italia, luctam  
com os que exportam essas nações,

que aliás fazem delles activa pro-  
paganda.

O recente tratado de commercio  
celebrado entre o Brazil e o Chile  
veio tornar ainda mais precario o  
consumo dos productos portugue-  
zes nos mercados nacionaes. O  
Chile já tem vinho superior, e  
gozando das vantagens do tratado,  
elle ha de ser um concorrente em  
lucta com os vinhos portuguezes.  
Não só vinho, mas outros generos  
exporta tambem o Chile e que  
serão outros tantos concorrentes a  
luctar vantajosamente com os pro-  
ductos similares de exportação ex-  
trangeira.

Accresce que as tarifas adua-  
neiras no Brazil vão accentuando  
o seu caracter proteccionista á  
industria nacional. Esta, por sua  
vez, vae-se desenvolvendo e pro-  
curando constituir uma força pro-  
pria, o que conseguirá em futuro  
mais ou menos remoto, desde que  
as actividades se multipliquem  
pelo concurso do elemento im-  
migrantista trabalhador e honesto.

Alguns Estados, notadamente o  
Rio Grande do Sul, apesar de  
atormentado pelas ultimas luctas  
intestinas, que oxalá tenham sido  
as ultimas, já abastecem com os  
seus productos os mercados da  
Republica. As Republicas do Prata  
mandam tambem para aqui diver-  
sos generos, e os Estados-Unidos  
concorrem eficazmente com ou-  
tros paizes exportadores.

E' claro, portanto, que para obter  
á industria portugueza, entre tan-  
tos e tão vantajosos concorrentes,  
uma posição superior, faz-se mister  
larga e activa propaganda, acção  
combinada, barateza e aperfeiçoa-  
mento dos productos, e, sobretudo,  
novas variedades industriaes pelo  
desenvolvimento das possessões  
no ultramar.

Não é isto o que se tem feito e  
não é isto o que se faz, ou pelo  
menos na escala avantajada em  
que fóra mister fazel-o. D'ahi re-  
sulta o atrophiamiento das nossas  
industrias, a escassissima ou quasi  
negativa remuneração do trabalho,  
a lucta feroz que sustentam as  
classes operosas para se manter  
ao abrigo das necessidades extre-  
mas.

Dahi tambem o principal, senão  
unico motivo, por que os portu-  
guezes emigram, procuram paizes  
mais favoraveis ás suas aspirações,  
mais remuneradores do seu esfor-  
ço, mais aptos á expansão da sua  
actividade e do seu genio. Quem  
está bem no seu paiz não emigra,  
simplesmente porque não precisa  
fazel-o, e, sobretudo, não se des-  
nacionaliza, porque não tem ne-  
cessidade de ir procurar fóra meios  
ou elementos de adaptação. Des-  
conhecer isto é revelar ignorancia  
de um facto de observação quoti-  
diana, negal-o é negar a eviden-  
cia dos acontecimentos e a natu-  
reza real das cousas.

Desenvolvam as possessões do  
ultramar, offerçam aos coloniza-  
dores vantagens positivas, e não  
nominaes, como geralmente suc-  
cede, estimulem-lhe a actividade,  
premeiem os seus esforços, recom-

pensem o seu trabalho, garantam  
sem hypocrisia os seus direitos,  
proporcionem-lhe os elementos pos-  
siveis de segurança e bem-estar,  
e o emigrante portuguez irá sem  
hesitação, com vivo prazer, povoar  
essa outra parte do solo patrio,  
conservando em toda a sua inte-  
gridade e pureza os sentimentos  
e as crenças que levou do conti-  
nente.

Pretender, porém, que o portu-  
guez, em lucta com difficuldades  
extremas, se conserve no conti-  
nente a multiplicar dia a dia os  
seus esforços para obter os parcos  
meios com que arrasta a pesada  
e triste existencia; querer que elle  
emigre para a Africa, para a Asia  
ou para a Oceania sem lhe darem,  
entre raças differentes e linguas  
extranhas, a justa vantagem do  
seu exilio; insistir em que elle,  
para onde quer que vá, menino  
ou homem, orphão ou chefe de  
familia, conserve a sua nacionali-  
dade, ainda com inteiro prejuizo  
dos seus interesses, acceitando-a  
somentes, *por amor desses mesmos*  
*interesses*, quando seja *compellido*  
a fazel-o—é pretender, por um  
lado, a condemnação do compa-  
triotas ao sacrificio e à miseria, e  
por outro lado é axigir que elle  
seja o pretexto de uma logica  
absurda, de uma doutrina irrisoria.

Ah! Compreendemos perfeita-  
mente que affirmando o que ahi  
fica não agradamos a todos, por  
que ha quem se apraza na illusão  
e obedeça a uns tantos preconcei-  
tos, apesar de sentir, palpitante e  
indiscutivel, a ferrea logica dos  
factos. Seja assim. Não nos mo-  
dificamos, porque entendemos com  
aquelle preceito latino que man-  
da dizer em tudo a verdade a  
quem em tudo se a deve.

Demais, insistimos neste ponto:  
se a naturalização é um acto in-  
digno, porque importa na renun-  
cia da patria e na confissão taci-  
ta de interesses sordidos, quaes-  
quer que elles sejam, são antes  
disso indignos os paizes que ad-  
mittem a naturalização, pois que  
constituem a causa daquelle ef-  
feito. Elimine-se então e por  
completo o principio da nacionali-  
zação dos estrangeiros — essa  
grande aspiração do espirito de-  
mocratico moderno — consagrado  
em todas as legislações do mundo  
civilizado. Comecem os catões do  
patriotismo por obter que os le-  
gisladores portuguezes o suppri-  
mam da carta constitucional e do  
codigo civil.

Antes disso, não de consentir  
que não tomemos ao serio uns  
certos arrebatamentos especta-  
culosos, unicamente uteis para ar-  
mar ao effecto, visto que ninguem  
nos poderá fazer acreditar que as  
leis foram creadas e subsistem na  
jurisprudencia de todos os paizes  
para não ter applicação pratica.

## Poiguez seviado

Com relação á noticia que, sob a epigraphe supra, demos em o numero anterior, pouco ou nada mais podemos acrescentar, visto que cousa alguma chegou ao nosso conhecimento,

Foi feito o corpo de delicto em João Luiz, ficando provado que o infeliz recebera dez chicotadas, pelo menos, pois tantos foram os vergões verificados; d'ahi por diante nada mais sabemos, e é de presumir que jámais o saibamos.

Este é um dos mil casos, sobre os quaes se colloca a costumada pedra do esquecimento.

Tem, por conseguinte, o Sr. capitão Martiniano de Carvalho carta branca para continuar a seviar os nossos compatriotas.

Como elles não exigem indemnisações nem mandam *ultimatums*, por isso ...

## Mais outro!

Tambem foi em Santos, e tambem foi um sargento de policia o gracioso auctor.

Eis como os nossos collegas da *Tribuna do Povo*, de 23 do corrente, descrevem mais este attentado, que é natural fique impune como todos os outros:

## Vandalismo

« O sr. commandante da força aqui estacionada deve, no interesse de seu proprio cargo, em honra ao criterio com que o exerce, lançar vistas mais cuidadosas sobre alguns dos soldados que compõem essa força.

« Não devemos precisar aqui o que já passou, mas o que hontem occorreu em plena rua do Rosalorio, n'uma loja de barbeiro, de propriedade do sr. Manoel José Ferreira.

Foi um verdadeiro vandalismo, porque outro qualificativo não merece a invasão á propriedade alheia, por agentes da força publica, arruinando-a, enchendo-a de destroços.

« E' o caso que, a esse barbeiro foi um sargento para fazer a barba. O barbeiro, ou porque estivesse occupado ou porque não quisesse, negou-se a fazer-lh'a.

« O sargento retirou-se, sem nada dizer; mas cinco minutos depois, voltou, acompanhado de praças, entrou pela barbearia a dentro, quebrou vidraças, e, mandando chamar o barbeiro que n'uma casa fronteira jantava, prendeu-o e conduziu-o para o quartel, espancando-o de modo brutal, a ponto de feril-o.

« Que nos diz a isto o sr. commandante do destacamento, o proprio sr. dr. delegado?

« Onde estamos e para onde vamos neste bello andar?

« Acaso ficamos obrigados á contingencia de acautelar-nos, de prevenirmo-nos todas as vezes que avistarmos um soldado de policia?

« E' triste e vergonhosa essa contingencia; e ella, longe de deprimir o soldado, deprime o commandante, que tem a responsabilidade de sua conducta, a grande responsabilidade de manter a ordem, de respeitar e fazer respeitar a propriedade alheia.

« Não queremos ir além, porque canalhadas deste quilate, agitam os nervos dos mais lymphaticos e abalam profundamente os que ainda tem sangue a galopar-lhe nas veias.

« Fiquemos por aqui. »

Nós tambem ficamos por aqui, uma vez que depois disto só podemos acrescentar que o nosso compatriota ficou como estava, e bem caladinho, porque se protestasse ou quizesse reparação da offensa teria de vêr o bom e o bonito.

O illustre sr. dr. chefe de policia, cuja energia louvamos e em cujas providencias confiamos, é

que nos poderá dizer se deve continuar em Santos a indisciplina policial e a arbitrariedade sem nome que alli se está exercendo com sciencia e consciencia das auctoridades respectivas.

## O CENTENARIO DA INDIA

### Assembléa Popular da Colonia portugueza de S. Paulo

Como haviamos noticiado no nosso ultimo numero, realisou-se domingo passado, a reunião da Colonia Portugueza de S. Paulo, a convite da digna directoria do Club Gymnastico Portuguez d'esta capital.

O que se passou n'essa sessão e do que apenas nos limitamos a dar um pallido reflexo, aos illustres leitores do «Echo Portuguez», não podia de forma alguma encontrar na sua realisação um acto que fosse considerado mais estupendo e mais commovente do que aquelle que tivemos occasião de presenciar, contemplando-o embrenhados no mais profundo entusiasmo.

O patriotismo que ahi foi tão plausivelmente externado, é bem digno dos filhos d'aquelle pequeno cantinho de terra, que a providencia houve por bem collocar no extremo occidental da velha Europa, legando-lhe por telhado constante a cerulea e estrellada aboboda do firmamento; por area terrifica apenas o limitadissimo espaço, prehenchido pelas formosas campinas engrinaldadas com os formosos trigaes de ouro; e por habitantes os valentes soldados, que regaram o mundo com seu sangue em prol da civilisação da humanidade.

E tornava-se na realidade completamente necessario que a colonia portugueza de S. Paulo manifestasse franca e altruista, que ainda lhe gira com violencia nas veias o nobre sangue d'aquelles que em permanentes luctas pela patria, souberam deixar-nos o glorioso thesouro, que tornando resplandecente o sol da nossa historia, ha muitos seculos tem despertado inveja pelo mundo civilisado.

Porem sem tempo algum para nos alongarmos em profundas considerações, reportamo-nos simplesmente ao que se realisou na supprcitada reunião.

A' uma hora da tarde mais ou menos já o vasto salão do Club Gymnastico Portuguez, antecedentemente ornamentado a caracter, estava completamente repleto de membros da colonia pertencentes a todas as classes sociaes.

No palco armado em tablado presidenciali significativamente adornado; achava-se o retrato de Vasco da Gama ladeado pela gloriosa bandeira de quinas, e o auri-verde pendão brasileiro.

Seria uma hora e meia da tarde, quando o senhor Thomaz Saraiva presidente do Club, rodeado dos mais companheiros componentes da directoria, assumio a presidencia, declarando achar-se totalmente satisfeito pelo acolhimento de que tinha sido alvo o seu convite, acolhimento este que cardealmente agradecia.

Diz em seguida que o sr. Dr. Cunha e Costa, orador official fará a narração sucinta e intelligentemente esclarecida, com respectibilidade ao assumpto de que se tractava.

Convida em seguida o sr. Conde de S. Joaquim como um dos vultos mais prestimosos e respeitaveis da colonia, a assumir a presidencia; lembrando, antes de se retirar, diversos nomes de distinctos portuguezes para fazerem parte da grande commissão encarregada de angariar donativos; facto este que ia entrar em discussão.

No meio de salvas de palmas assume a presidencia o sr. Conde de S. Joaquim, agrapecendo a forma como era recebido e convidando

para fazer parte da meza, o sr. Commendador Bernardino Monteiro d'Abreu, Vice Consul de Portugal n'esta capital.

Convida mais para fazerem parte da meza como secretarios, os snrs. Dr. Cunha e Costa e Augusto Barjona.

Usando a palavra o Dr. Cunha e Costa, a convite do sr. presidente, começa por historiar, com galhardia e erudição, diversos periodos da historia de Portugal, salientando com mais vivas côres as épocas das conquistas e descobertas, onde diz, de baixo de unanimes applausos, que «se a historia do Portugal actual, não possuísse bastantes factos para a imporem, bastariam as glorias do passado, para nos servir de patrimonio e guindarnos ás alturas que ambicionamos.»

Continuando o seu discurso sempre engalanada das mais rutilantes imagens, onde sempre transpirava o arraigado patriotismo que o possuia; termina declarando que era para se tractar da subscrição de um navio de guerra, para ser offerecido a Portugal por occasião do Centenario da India, que ali estavam reunidos: « julgando que era tempo de pensarmos mais um pouco no que era nosso, e menos um pouco no que era dos outros ». Allega que o centenario da India é uma prova bem manifesta, para demonstrarmos os nossos sentimentos patrióticos; e que era preciso possuirmos um resto d'aquella fé, que antigamente animava um simples caixeiro de vassoura, e que actualmente parece não existir no mais poderoso argenterio.

E n'um verdadeiro entusiasmo de acendrado patriotismo, pede para que continue a predominar a fé, que outrora tanto nos incitava.

Ao terminar o illustre orador é recebidos com delirantes e estrondosas ovações.

Solicita logo em seguida a palavra, um menino de 12 a 13 annos, de nome Delmiro Caneço, que com o jubiloso patriotismo infantil, diz — que deviam todos os portuguezes unirem-se para collaborar no engrandecimento da idéa, do grande patriota Eugenio da Silveira, subscrevendo com as suas respectivas posses para compra d'um navio de guerra, para offerecermos á nossa patria, e com um heroísmo verdadeiramente arrebatador, termina dizendo — a Inglaterra; essa que é nossa aliada, é a unica de quem devemos ter mais cautella, porem emquanto existir um Mousinho, que lhe saiba mostrar como se defende a bandeira portugueza, não necessitamos de á cautella aliar o receio.»

Depois de muitos *bravos* com que foram recebidos as palavras do interessante menino, sem duvida a nota mais commovente da assembléa, o venerando presidente, mandou chamar o pequeno Delmiro abraçando-o com entusiasmo.

Usando a palavra o sr. Neves Junior começa por se referir com ufania, ao significativo quadro que se acabava de presenciar, — a velhice abraçada á infancia, tendo por movel o amor pela patria.

O orador depois de se referir com patriotismo a diversos topicos da historia patria termina levantando vivas a Portugal e á Patria Portugueza.

Pede a palavra e Sr. João Narciso da Serpa, incitando aos portuguezes a unirem-se, e não deixarem perecer a idéa que ora acabava de ser levantada com tanto ardor.

Usando depois a palavra o Sr. Dr. Santos Rodrigues, lê uma extensa, porém bem redigida e patriótica moção em que denunciando perante a assembléa a opinião do Sr. Dr. Leite Velho do Rio de Janeiro, affirma a sua solidariedade, á idéa que estava geralmente generalisada.

A seu pedido, é concedida a palavra ao sr. Conde de S. Joaquim, que collab

Dr. Rodrigues, lembrando para que fosse retirada uma parte da subscrição e se destinasse ás obras dos Jeronymos.

Toma em seguida a palavra o Sr. Carlos de Mello, que em arroubos patrióticos, pede para que os portuguezes ali assistentes, assignassem a acta não só como dando mostras da sua accedencia ao que acabava de se resolver, como tambem seria o compromisso firmado, como collisão de colonia portugueza.

O distincto orador, é recebido com estrepitosas palmas.

Usando novamente a palavra o Dr. Cunha e Costa declara, que no convite feito para aquella reunião, já declarava a resolução tomada, e que por tanto do que se tractava era da acquiescencia á idéa suggerida na « União Portugueza, » ficando assim dada a resposta aos novos alvitres, feitos por alguns oradores.

E' acclamado em seguida presidente honorario da commissão o sr. commendador Bernardino Monteiro d'Abreu, vice-consul de Portugal, e para presidente effectivo o venerando ancião que presidia a sessão, ficando a commissão composta dos nomes lembrados pelo digno presidente do Club, que são os seguintes snrs.:

Conde de S' Joaquim, Conselheiro José Duarte Rodrigues, Dr. Cunha e Costa, Dr. Justino d'Andrade, Carlos de Mello, Dr. Viriato Brandão, Dr. Bittencourt Rodrigues, Augusto Barjona, Commendador Loureiro da Cruz, Manoel Garcia da Silva, Abilio Soares, Manoel Monteiro, Cam'lo Sampaio, Joaquim Gomes Estella, Neves Junior, Mathias de Castro, Leite Guimarães e directoria do Club Gymnastico Portuguez, por proposta do Dr. Cunha e Costa.

Convidados os assistentes a assignarem a acta, foi encerrada a sessão.

## Agiev

Do sr. Oscar Monteiro. nosso distincto compatriota, recebemos uma carta, onde esse cavalheiro, com todo o seu patriotismo, expande a sua opinião sob a grande idea aventada pela *União Portugueza*, nosso Collega do Rio de Janeiro, carta que publicaremos no nosso primeiro numero, e para a qual, desde já, chamamos a attenção dos nossos patricios.

Este nosso distincto compatriota, offerece, n'essa mesma carta, a esta redacção cem exemplares do seu esplendido almanack *Historico-Litterario* para serem vendidos revertendo o producto para a grande e patriótica subscrição portugueza.

A tão distincto portuguez os nossos emoras pela sua patriótica e significativa offerta.

## NOTICIAS DA NOSSA PATRIA

### Lisboa

No dia 8 do proximo mez de Junho, tencionam diversas associações festejar, de accordo com a commissão executiva do centenario da India, a data da partida de Vasco da Gama para a viagem da descoberta do caminho marítimo para a India, e o começo do anno centenal.

N'esse dia conta tambem a commissão executiva da grande subscrição nacional entregar ao governo o novo cruzador *Adamastor*.

O sr. Conselheiro Ferreira do Amaral, telegraphou de Livorno á commissão executiva da grande subscrição nacional, dizendo ter-lhe agradado muito o novo cruzador *Adamastor*, e elogia o bom acabamento dos trabalhos feitos pela casa Orlando.

Este cruzador deve, chegar a Lisboa nos fins deste mez.

## Porto

A sociedade de medicina e cirurgia resolveu fazer-se representar no congresso nacional de medicina que se realiza em Lisboa por occasião das festas do centenario da India.

Tem passado bastante doente em Santos, a distincta senhora D. Amelia da Cruz Maia virtuosa esposa do nosso patricio e amigo sr. Cruz Maia, e nossa prezada collaboradora.

Fazemos votos pelas melhoras de tão distincta senhora.

Tambem esteve ultimamente doente em santos, a digna e desvelada esposa do nosso amigo sr. Sizio Patúsca, a exma sra D. Sebastiana de Jesus Patúsca.

## Concerto

Realisa-se brevemente o concerto organizado pelo nosso prezado prtricio sr. Carlos Ferreira de Mello, no Salão Steinway.

O gremio Dramatico Gil Vicente recentemente fundado n'esta capital, dará no domingo 4 de Julio um espectáculo, em beneficio do actor Eugenio Magalhães, levando á scena a esplendida produção de Pinheiro Chagas, *Morgandinha de Valle-Flôr*.

## O Piratininga

Este nosso prezado collega Vicentino, que tão criteriosa e intelligentemente é dirigido, principia no seu numero de 21 do corrente a transcrever os esplendidos artigos que sob a epigraphe *Interesses Portuguezes*, tem escripto o nosso prezado e talentoso collaborador sr. Alberto Veiga, para o nosso semanario.

## Sociedade Portugueza

DE

Beneficencia Commercial e Artistica

### PETROPOLIS

A Commissão nomeada pela assembléa geral em 16 de maio para promover a commemoração festiva do 22.º anniversario da fundação d'esta « Sociedade », tem a honra de convidar todos os seus dignos consocios residentes em Petropolis e no Rio de Janeiro, a prestar-lhe todo o valioso auxilio de sua boa vontade, e a inscrever-se como subscriptores, nas listas que lhes forem apresentadas para a obtenção dos meios indispensaveis a uma celebração que, comquanto modesta, deve honrar o nome de Portuguezes.

A COMMISSÃO

Abilio José d'Almeida e Silva  
Manuel Fernandes Carneiro  
José Augusto Corrêa Guimarães

## Camisaria e Gravataria

DO

Bom Gosto

A Rua 15 de Novembro N. 45  
Santos

FOLHETIM 11

VARÕES ILLUSTRES DE PORTUGAL

POR

LATINO COELHO

LUIZ DE CAMÕES

CAPITULO 3º

Os estudos do Camões

Nem me falta na vida honesto estudo,  
Com longa experiencia misturado.CAMÕES, *Lusitadas*, X, 154

Se o Camões, aproveitando a sua morada na cidade das letras, cursou algumas de suas escolas, não o podemos affirmar. E é consequencia necessaria que nos é igualmente impossivel conhecer se chegou n'aquelles tempos a eleger uma carreira, a que houvesse de accomodar os seus estudos litterarios. A carta citada por um biographo nosso contemporaneo, refere-se unicamente á escolha de um estado. O poeta não sabia determinar-se ácerca do rumo, a que havia de encaminhar

a sua vida. « Tomei o pulso (diz) a todos os estados da vida, e nenhum achei em perfeita saude, porque a dos clerigos para remedio a vejo tomar mais da vida que salvção da alma; a dos frades, ainda que por baixo dos habitos, tem uns pontinhos que quem tudo deixa por Deus nada havia de querer do mundo; a dos casados é boa de tomar e ruim de sustentar, e peor de deixar; a dos solteiros barca de vidas sem leme, que é bem ruim navegação. »

N'estas palavras não ha a minima allusão a nenhum curriculum de estudos regulares. Relata apenas o poeta as suas indecisões sobre o que em velha phrase portugueza se dizia *tomar estado*.

Não acaba o Camões de se resolver sobre se ha de tonsurar-se e fazer-se um d'estes clerigos, que mais tomam da vida temporal do que pensam na salvção; ou metter-se em monge, e a pretexto de santidade e penitencia esconder no burel ou no saial as mundanas carnalidades; ou eleger mulher, a perigo de tantos dissabores e desenganos, quaes experimentou depois em seus amores; ou ficar-se finalmente celibatario, como á sua indole e caracter romanesco e aventureiro lhe pareceu quadrar melhor.

Não se póde esquadriñar, com que solido ou plausivel fundamento assevera Faria e Sousa que o poeta em seus estudos chegou a ouvir na escola conimbricense a philosophia, *fundamento de todo saber, cuado sobre él se levanta un ingenio tan sublime*, segundo as proprias expressões do erudito commentador.

Ainda menos se percebe, por que subtitis e phantasiosas induções um editor e biographo moderno chegou a suspeitar que seria a faculdade teologica, a que elle preferiu para n'ella exercitar a subtileza do seu entendimento. Que nocabo de sua vida o poeta se distrahisse e consolasse das suas pungentes amarguras com ouvir em S. Domingos de Lisboa as lições de theologia, não é razão bastante para que na juventude lhe possamos attribuir as mesmas intellectuaes predilecções. O ter o poeta, segundo nota o biographo alludido, um tio seu, D. Bento de Camões, geral da congregação dos conegos regrantes de Santa Cruz, e como tal cancellario da academia conimbricense, não ministra sequer a sombra de um indicio para que suspeitemos no Camões o amor ou a vocação da vida ecclesiastica. Seria certamente desmedida temeridade o pre-

suppor sem nenhuma comprovação, que o poeta estudasse em Coimbra com fructuosa applicação a theologia ou outra das sciencias superiores, estribando apenas a conjectura em ter por tio seu paterno o proprio cancellario da juvenil e florente academia. Tanto mais quanto a dignidade e officio de cancellario, sendo annexo legalmente ao cargo de geral de Santa Cruz, não induzia no sujeito, que o houvesse de exercer, nenhuma preeminencia intellectual, nem encargo de magisterio. Porque os estatutos da universidade, como instituição ecclesiastica e pontificia, davam a este dignitario funcções restrictas unicamente á collação de todos os graus, a dar os pontos para os exames privados em todas as faculdades, e a mais algumas attribuições alheias ao serviço didactico nas escolas. Assim que bem podera o tio do Camões desempenhar o officio eminente de cancellario, sem que a sua influencia se estendesse a domesticar o espirito inquieto do sobrinho, amoldando-o a seguir e estudar as aridas sciencias, que n'aquelle tempo se professavam nas escolas.

Se bem se comprehende a indole e o genio do Camões, e se attenta no que teve ae revolta a sua vida, de indomito

e indisciplinado o seu character, não será ousadia o aventurar que, se porventura chegou a inscrever-se n'algum dos cursos academicos, não chegaria a conseguir a laurea de bacharel. Os grandes talentos, em que o estro e a phantasia dominam irresistiveis e soberanos a razão, difficilmente se accomodam á regrada successão dos estudos formalistas n'uma escola. A imaginação a cada instante quer voar e despejar-se de todas as prisões, que lhe encadeam as azas vaporosas. A escola obriga o alumno a rastejar nas pégadas lentas do vagaroso pedagogo. E' difficil assignar o gymnasio, em que se exerceram no seu viço juvenil os engenhos de eleição, que na esphera da arte e da phantasia deixaram os mais formosos monumentos do que póde o genio humano.

(Continua)



# TYPOGRAPHIA A VAPOR

## Hennies Irmãos

RUA CAIXA D'AGU V N. 1-C

## TERRENOS

### EM NOVA CINTRA SANTOS

As pessoas que desejarem comprar terrenos neste bairro podem tratar em Santos com

Luiz de Mattos, Rua direita N. 35, das 9 horas da manhã ás 4 da tarde — Dr. Guedes Pereira, Rua Julio Conceição n. 10: Villa Mathias Dr. Santos Silva, Praça da Republica n. 17 — José Antonio da Fonseca, Rua de S. Bento n. 69 — Emilio Sauer, Rua Julio de Mesquita n. 8, Villa Mathias, e com os proprietarios em Nova Cintra, das 9 horas da tarde ás 8 da manhã.

O pagamento será feito por prestações mensaes ou por inteiro, conforme convier ao comprador, e d'esta maneira ficará satisfeito o desejo daquelles que quizerem ser proprietarios no bairro mais futuro de Santos.

## Explicador de Mathematica

PHISICA E QUIMICA

Prepara para o Curso Annexo e para o curso preliminar da Polytechnica. Informa-se n'esta redacção

## GRANDE DEPOSITO DE AGUARDENTE

das melhores porcedencias

Vendas por Atacado

FRANCISCO GOMES

Rua da Gloria N. 54-C — S. PAULO

## GRANDE ARMAZEM DE SECCOS E MOLHADOS

Vendas por Atacado

Commissões e Consignações

Sousa Carneiro & Comp.

Armazem e Escriptorio Rua da Boa Vista, N. 4

S. PAULO

Avelino Carneiro da Silva Braga

Recebe generos á commissão e consignação e encarrega-se de despachos na alfandega.

ESCRITORIO

SANTOS -- RUA MARTIM AFFONSO, 56 -- SANTOS

## ECHO PORTUGUEZ

### Semanario Portuguez

Propriedade de GUNHA & NORONHA  
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

40, Rua Marechal Deodoro, 40 — S. PAULO

## Novo Salão Americano DE JOSÉ GONÇALVES DE BARROS

N. 84 — Rua Victoria — N. 84

N'este salão encontrarão os cavalheiros que o quizerem honrar, alem de bons e practicos officiaes, um bom e variado sortimento de perfumarias dos melhores fabricantes. Tem tambem em deposito a famosa agua Zelina, que impede a queda do cabelo, extraindo-lhe a caspa.

A Zelina é preparada pelo pharmaceutico Amando Stockler, e tem tido grande acceitação

Á Rua Victoria N. 84 no Novo Salão Americano

## Petisqueiras á Portugueza

3 — RUA DA QUITANDA — 3

Cosinha genuinamente portugueza. Unico depositario dos generosos vinhos portuguezes.

Marca Coelho

Funciona desde as 6 horas da manhã até á 1 hora da madrugada

Acceitam-se Pensionistas

DEPOSITO DE MATERIAES PARA COSTRUCCÕES

de C. P. de Magalhães

Completo sortimento de Madeiras Nacionaes e Extranjeiros e outros Materiaes

N. 32 A, Rua do Conselheiro Nebias, N. 32A

S. PAULO

## COLLEGIO CARLOS GOMES

ARRAIAL DOS SOUZAS

Ramal Ferreo Campineira

Neste Collegio ensinam-se todas as materias do curso primario e secundario, preparando-se alumnos para todas as academias da Republica.

Tem tambem aulas de musica, desenho e escripturação mercantil

Acceitam-se alumnos internos, externos e semi-internos

Nesta redacção dão-se prospectos

Os Directores. — DANIEL D'ALMEIDA e J. A. D. MILHEIRO

# SAQUES SOBRE PORTUGAL

## NAZARETH VELASCO & C.

RUA DE S. BENTO N. 33 B

Sacam sobre LISBOA -- BANCO COMMERCIAL DE LISBOA  
e seus correspondentes nas localidades seguintes:

Abrante  
Aguada  
Alandroal  
Albergaria a Velha  
Alcacer do Sal  
Alcobaca  
Alemquer  
Alfandega da Fé  
Alijó  
Aljezur  
Aljustrel  
Almeida  
Almeirim  
Almodovar  
Alter do Chão  
Alvor  
Amarante  
Amares  
Anadia  
Ançã  
Arco de Baulhe  
Arcos de Valle de Vez  
Arganil  
Armamar  
Arouca  
Arrayollos  
Arroches  
Arruda dos Vinhos  
Aveiro  
Avellar  
Aviz  
Baião  
Barca d'Alva  
Barcellos  
Barguinha  
Batalha  
Beja  
Belmonte  
Bôlho  
Borba  
Boticas  
Bragã  
Bragança  
Bustos.  
Cabeceiras de Basto  
Cadaval.  
Cadima  
Caldas da Rainha  
Caldas das Taipas  
Caldas de Vizella  
Caminha  
Campo maior  
Cannas de Senhorim  
Cantanhede  
Carrazada d'Anciães  
Carrazedo de Montenegro  
Carregal do Sal.  
Cartaxo  
Castello Branco  
Castello de Paiva  
Castello de Vide  
Castendo  
Castro Daire  
Cêa  
Celorico da Béira  
Colorico de Basto.

Vsconde do Tramagal  
Bento de Souza Carneiro  
Joaquim Diogo Morte  
Manoel de Oliveira Campos & Filho  
Dr. Abel Augusto da Costa Amaral  
Emygdio da Silva Ferreira  
Joaquim Pereira de Mello  
Julio Manoel Pereira  
Antonio Ernesto de Magalhães  
José Pedro de Medonça  
Francisco de P. Inglez de Oliveira  
Miguel Augusto Proença  
J. P. Santos  
José Jacintho  
Raphael Augusto Dona  
José Anonio Lopes  
João Eleuterio da Silva & Sobrinho  
José Joaquim da Silva Menezes  
Julio C. Ferreira Duarte  
Francisco da Cunha e Silva  
J. P. da Cunha Bastos  
Jorge Pereira & C.  
João Travassos, successores

João d'Oliveira e Cunha  
Joaquim Lourenço da Silva Carvalho  
Augusto Cesar da Cunha Moraes  
Antonio Epiphanio Rodrigues  
Antonio Pereira Junior, successores  
Ignacio M. Alves Campos Moura  
João Marques Serrão  
Rodrigo Teixeira Pinto  
José da Encarnação Corrêa  
Banco de Barcellos  
José Conçalves da Costa  
Manoel J. Mendes da Costa  
Manoel Joaquim de Souza Tavares  
Joaquim G. da Cunha Pignatelli  
Migueis & Estrella  
Luiz Lopes da Trindade  
Anselmo José Martins  
João Pedro Soares  
Marcelino Saldanha Lopes dos Santos  
J. D. Sereno & Filho  
Francisco de Moura Coutinho Basto  
Corrêa & Comp.  
Antonio José d'Almeida  
Antunes & Irmão  
Francisco José da Costa e Silva  
José Pinto de Souza Castro  
Domingos José Pereira  
Meiras, Irmãos  
Joaquim Adelino Marques & Filhos  
Gregorio Gomes Lopes  
Antonio Augusto Barreiras  
Silvano José Borges  
Antonio Maria d'Almeida e Silva  
Joaquim Dias  
José Guilherme Morão  
Alfredo Augusto Ribeiro  
Francisco Antonio Mimoso  
José Bernardino d'Almeida  
Julio d'Almeida Baptista  
José Joaquim Borges  
Antonio A. Corrêa da Silva Cardozo  
Antonio José Lopes Magalhães  
Barrozo  
Maximo Pires Franco  
Baptista, Irmão & Comp.  
Banco de Chaves  
Jorge Antonio de Oliveira  
Manoel José da Costa Freitas  
José Tavares da Costa, successor  
Joaquim Luiz Torres  
Maximo A. da Natividade  
José Joaquim Borges  
Banco da Covilhã

Viuva de Francisco Quintanilh  
Manoel dos Santos Lopes  
Francisco Duarte Franco  
José Antonio Bordallo Velho  
Antonio das Neves Loureiro  
Manoel Fernandes Passos  
Manoel José Conçalves Villas Boas  
Vasco Marques Valente  
José Maria Sedas  
Banco Eborense  
Oliveira & Fernandes  
João Evangelista da Silva  
Luna Sequerra  
Paulino José Frota & Comp.  
Antonio Bernardo Coimbra  
Bernardino José da Cunha  
Jacintho Maria Fialho & Filho  
Godinho & Irmão  
Eduardo A. Magalhães C. Freire  
Bernardo Augusto Lopes & Cduro  
Manoel Mendes de Abreu

Fornos d'Algodres  
Freixo d'Espada à Cintra  
Fronteira  
Gatões  
Goa  
Gollegã  
Gouveia  
Grandola  
Guarda  
Guimarães.  
Idanha a Nova  
Ilhavo  
Lagôa  
Lagos  
Lamego  
Leiria  
Lixa  
Loulé  
Louzã  
Louzada  
Macedo de Cavalleiros  
Mangualde  
Marco de Canavezes  
Marinha Grande  
Mealhada  
Melgaço  
Mertola  
Mexilhoeira da Carregaçao  
Mezão Frio  
Midões  
Mira  
Miranda do Corvo  
Miranda de Douro  
Mirandella  
Megadouro  
Mogofores  
Moimenta da Beira  
Mondim de Basto  
Monchique  
Monsão  
Montalegre  
Montemor-o Novo  
Montemor-o-Velho  
Mortagua  
Moura  
Murça  
Nellas  
Niza  
Odemira  
Olhão  
Oliveira de Azemeias  
Oliveira do Bairro  
Oliveira do Hospital  
Ourique  
Outil  
Ovar  
Pardeilhas  
Paredes de Coura  
Pedrogão Grande  
Penacova  
Penafiel  
Penamacor  
Pepella da Beira  
Peçigueiro(Server do Vouga)  
Peniche  
Peso da Regua  
Pinhel  
Pocariça  
Poiars(Santo André de)  
Pombal  
Ponte da Barca  
Ponte de Lima  
Ponte de Sôr  
Portalegre  
Portel  
Potoz  
Povoa de Lanhoso  
Povoa de Varzim  
Proença a Nova  
Redondo  
Reguengos  
Rezende  
Ribeira da Pena  
Rio Maior  
Sabugal  
Santa Comba Dão  
Santarem  
Santo Thyrso  
S. Cosmado  
S. João da Pesqueira  
S. João d'Areias  
S. Pedro do Sul  
S. Thiag. do Cacem  
Sarzedas  
Sattam  
Serpa  
Setubal  
Silves  
Sines

João da Costa Abreu & Filho  
Eugenio Guerra Taborda  
Antonio Victorino Bogalho  
Antonio Luiz Neves  
Joaquim Gomes Ferreira  
José Antonio Gameiro  
Antonio Rodrigues Frade  
Jacintho M. Roiz Pablo  
José J. Rodrigues & Pissarra  
Manoel Pinheiro Guimarães  
José Augusto Pretto  
Joaquim Marques Machado  
José Miguel Gimines  
José Cardozo  
Menezes & Fonseca  
Manoel Joaquim Henriques  
José da Silva e Cunha & Irmão  
Manoel Rodrigues Corrêa  
Luiz G. Vianna de Lemos  
Adrião Lopes & Moreira  
Alexandre José Nunes  
José Cabral  
Manoel Barros de Aguiar  
Gervazio da Silva Netto  
Augusto Ferreira Brandão  
Antonio Joaquim Durães (dr.)  
Bartholomeu José Pereira  
A. J. Judice & Irmão  
Manoel Lima Rebello  
Luiz Pinto da Rocha  
Manoel Rodrigues Cosme  
Manoel Pereira Batalhão  
Augusto Cesar Dias de Lima  
Viuva de J. B. de A. L. & Filho  
Francisco José Bartholo  
Antonio Scabra de Almeida  
Francisco Dias da Silva Chanesco  
Antonio José Alves de Carvalho  
Isidro Babtista Costa  
Francisco J. da Cunha Guimarães  
Antonio J. de Moraes Caldas  
Domingos T. Marques de Aguiar  
João A. Rodrigues Successor.  
José Manoel Pereira  
J. C. Nogueira da Matta  
Domingos Augusto da Silva  
Conçalves Costa & Irmão  
Joaquim da Cruz Migueis  
João M. Corrêa Barboza  
Viuva M. C. Santos Mendonça,  
Antonio J. da Silva Guimarães  
João Baptista de Oliveira  
Arthur de Lima Ferrão  
José Jacintho, em Almodovar  
Mathias Marques Conçalves  
Joaquim Ferreira da Silva  
Antonio Valente de A. & Filho  
Joaquim José Ribeiro  
Augusto Thomaz Barretto  
Luiz Antonio Guedes  
Victorino da S. A. Nunes & comp.  
Antonio de Souza Filhos  
José Maria de Gouveia  
Antonio Martins da Silva  
José Maria Monteiro  
João Alves Barreto  
José Antonio dos Santos & Com.  
João Ferreira da Silva  
José Henriques Simões  
José Luiz da Cunha & Irmão  
Manoel Luiz F. da Rocha  
Manoel Gomes Cardozo  
Francisco Pereira Cardozo  
Antonio Antunes Esperança  
Alexandre José D. de Carvalho  
Manoel Pereira Penna & Comp.  
D. J. Ferreira Guimarães  
José Eerreira do Valle  
Viuva de José L. da Silva,  
A. Germano da Fonseca Santos  
Beltram & Sobrinho  
Antonio Corrêa Juuioir  
Souza & Filho  
Raphael José da Costa  
Arthur Lucas Conçalves  
José Lopes Corrêa  
José Severino Soares  
José Carlos de Sá Teixeira  
Joaquim Augusto de Queiroz

Alfredo Corrêa da S. Carvalho  
Antonio Corêa de Paiva  
Ezequiel do S. Robrigues  
Francisco R. de Azevedo  
Antonio da Silva Lares  
M. D. Ferreira de Almeida  
J. Nascimento e Oliveira  
Manoel Luiz Martins  
Eusely Antonio Ma eiros

Sinfães  
Sebrado de Paiva  
Sobreira Formosa  
Soure  
Souzel  
Taboça  
Tarouca  
Tavira  
Tentugal  
Thomar  
Tocha  
Tondella  
Tortozendo  
Torre de Moncorvo  
Torres Novas  
Torres Vedras  
Trancoso  
Vagos  
Valença  
Valle Passos  
Vallongo  
Veiros do Alemtejo  
Vianna do Alemtejo  
Vianna do Castello  
Vieira  
Villa da Rua  
Villa Rei  
Villa do Bispo  
Villa do Conde  
Villa Flor  
Villa Franca de Xira  
Villa Nova da Cerveira  
Villa Nova de Famalicão  
Villa Nova de Foseoa  
Vill. Nova d'Ourem  
Villa Nova de Portimão  
Villa Pouca d' Aguiar  
Villa Rial  
Villa Real de Santo Antonio  
Villa Verde  
Villa Viçosa  
Vimioso  
Vinhães  
Vizeu  
Vouzella  
V

Isidro Pinto Cardoso de Menezes  
Alfredo Augusto Ribeiro  
Mattos & Irmão  
Domingos Mendes Mathias  
João de Souza  
Antonio Joaquim Esteves  
João Baptista Ribeiro  
Antonio A. Cardoso de Azevedo  
João Rosado, successores  
Manoel Rodrigues Pontes  
Francisco Pereira da Silva Sardo  
Manoel Gonçalvas Salvador  
Antonio da Silva  
Antonio Joaquim Barata de Mattos  
Joaquim Antonio da Silva  
Raymundo Cotrim de Sousa Filho  
Joaquim Pedro Marques  
João da Costa Lima  
Eagenio Ferreira da Encarnação  
Leite Ribeiro  
Joaquim J. Fernandes Guimarães  
Antonio Fernandes Adão  
Francisco Xavier Franco  
F. Nobre de Gusmão  
Banco Mercantil de Vianna  
Manoel Joaquim Fernandes  
F. Cabral Paes & Filho  
F. Henriques Neves  
José Cardoso  
Manoel de Freitas Craveiro  
Balthazar Corrêa de Moraes  
José Lucio Baptista  
João Lucas da Costa  
Guilherme Folhadella & Comp  
Francisco Antonio Ferreira  
Sotero Caio da Silva Neves  
Luiz Bordas y Marimou  
João José de Souza Moraes  
Albano Eduardo da Costa Lobe  
Sebastian Ramirez  
José Joaquim Peixoto  
Antonio Silveira  
Antonio Alves Coelho  
Fsrnandes & Irmão  
Luiz Pereira do Valle & Filho  
Barão da Gosteira

### ILHAS

MADEIRA -- Fuchal  
TERCEIRA -- A. do Heroismo  
FAYAL -- Horta  
S. MIGUEL -- Ponta Delgada

Luiz da Rocha Machado  
João Carlos da Silva  
Antonio P. do Amaral & Fil  
Clemente J. da Costa

### AFRICA

Loanda  
Conçalves, Irmãos

Sacam tambem sobre Italia  
Hespanha, França etc.

### RESTAURANTE DO COMMERCIO

de  
Annibal Augusto de Souza

Rua da Esperança N. 6

N'este restaurante recebem-se pensionat  
a preços modicos

Cosinha à portugueza

Tem tambem bom vinhos portuguezes como sejam

Virgem, verde, branco, do porto e aguariente Portuguez

Recebidos directamente